

As estratégias de adaptação de obras literárias clássicas em *reels* do Instagram

Ricardo Celestino

Cibele Rodrigues do Nascimento

Este capítulo tem como tema o estudo das estratégias de adaptação de obras literárias clássicas para o formato de *reels* do Instagram, especificamente no canal Aff The Hype. O objetivo central é analisar como a obra *A metamorfose*, de Franz Kafka, é adaptada para o conteúdo de vídeos curtos e dinâmicos, característicos dessa plataforma.

O estudo busca compreender as estratégias de adaptação dessas obras, investigando o lugar da literatura em um mundo cada vez mais mediático, em que o texto literário é adaptado para ambientes digitais, como o Instagram, que mescla a cultura do livro impresso com novas formas de comunicação. Além disso, examina-se como a experiência de leitura se transforma em mídias de estímulos intersemióticos, como os *reels*, e o seu impacto na percepção e no consumo da literatura. A justificativa para este estudo baseia-se na observação de que, conforme apontado por Abidin,

Highfield e Leaver (2020), o Instagram tem redesenhado práticas culturais, incluindo a literatura, que se adaptam ao espaço digital onde o texto se torna legenda.

Para Candido (2011), a literatura é um direito básico com papel civilizador. No contexto digital, compreendemos que ela segue a ordem dos algoritmos e visualizações, transformando-se em manifestações que ultrapassam o papel e viralizam em telas de *smartphones*. Esse movimento de curtidas e compartilhamentos não desqualifica a literatura; ao contrário, reforça seu papel comunicativo em redes sociais. A interação dos usuários com conteúdos literários no Instagram, por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos, é impulsionada por algoritmos que ampliam o alcance desses conteúdos. As *hashtags* e a criatividade visual são ferramentas essenciais para o engajamento, enquanto os *reels* oferecem uma plataforma para narrativas curtas e impactantes.

O sucesso de vídeos como “Clássicos da literatura resumidos para caberem no *reels*: *A metamorfose*”, que alcançou 413 mil visualizações, demonstra o crescente interesse do público por conteúdos literários adaptados para o Instagram. Esse fenômeno sugere a possibilidade de futuras minisséries de adaptações literárias em *reels*, ampliando ainda mais o alcance da circulação de discursos literários nas redes sociais.

A fundamentação teórica deste artigo considera que a adaptação literária é um processo de transcodificação de signos, convertendo um sistema impresso em representações orais, escritas ou imagéticas. Segundo Hutcheon (2013), a adaptação é uma passagem “transcultural”, assumindo novos significados em diferentes mídias e línguas. Esse processo é complexo e sutil, atraindo públicos diversos. Roteirizar não é apenas transcrever o livro, mas um trabalho autoral que informa e ressignifica a obra original. Comparato (2009) afirma que “o roteiro é o princípio de um processo

visual e não o final de um processo literário”. A adaptação requer recriação por meio de falas, situações ou lugares, e o grau de conteúdo extraído interfere no nível de concretude da obra adaptada.

Em suma, este artigo busca aprofundar a compreensão das adaptações literárias para *reels*, contribuindo para o debate sobre a literatura em ambientes digitais e suas novas formas de expressão e consumo.

Literatura e Instagram: livros e algoritmos em rede

A pergunta “afinal, o que é literatura?” ressoa através dos séculos, desafiando críticos, filósofos e leitores. Seria ela meramente uma forma de cultura, um ofício da linguagem transformado em arte ou aquilo que cada indivíduo reconhece como literário – um manuscrito esquecido na gaveta, uma história contada pelos pais antes de dormir – ou a grandiosa epopeia? A tentativa de delimitar tal conceito nos conduz por inúmeros caminhos filosóficos e conceituais. Embora a tradição nos incline a aceitar a mimese aristotélica – a palavra como espelho que imita a realidade – como ponto de partida, essa definição se revela insuficiente diante das complexas transformações ideológicas, transculturais e sociais que a literatura atravessou ao longo do tempo.

A literatura, em sua essência, não permaneceu estática. Ela assimilou formas locais e as ditas “tradicionais” – o romance, a poesia, o drama – e as infundiu com as influências modernas e tecnológicas de cada época. Esse cenário impõe à crítica literária a necessidade de abandonar um viés elitista e adotar uma postura mais democrática na apreciação da leitura, evitando comparações que separam a “alta” literatura da literatura de entretenimento como se houvesse uma hierarquia inabalável de valor.

Nesse sentido, a literatura se revela como um objeto em constante mutação, um fenômeno fluido no século XXI. Silviano Santiago, ao discutir a obra de Maingueneau (2001), enfatiza que a literatura não é apenas um conjunto de textos, mas um “ato de comunicação” que se estabelece em meio a tensões de produção, ultrapassando o texto escrito e se revelando como uma atividade intrinsecamente humana. Leyla Perrone-Moisés (2016), ao abordar a dificuldade em definir um conceito único para a literatura, argumenta que sua natureza intrínseca é a mutabilidade, a propensão à mudança. Sua célebre indagação, “É literário aquilo que, em determinada época, é considerado literário. Considerado por quem?”, sublinha a subjetividade inerente à definição, que varia conforme o contexto cultural e a percepção social. A literatura, assim como outras formas de arte, é permeada por princípios que orientam sua produção e circulação, sendo a autonomia – a capacidade de existir independentemente de fatores sociais, financeiros e políticos – um dos mais cruciais, conforme apontado por Bourdieu (1996). O ato literário, para Maingueneau (2001), transcende o mero uso da língua, permitindo que o escritor, imerso em uma sociedade “incompleta”, articule enunciados e papéis sociais que dialogam com diferentes épocas e lugares, conferindo à obra uma existência que legitima o contexto que a sustenta. Desse modo, o texto vai além da expressão individual do autor, representando e, ao mesmo tempo, resignificando o mundo em que está inserido.

A literatura, valendo-se de elementos fictícios ou estilísticos para construir narrativas que interagem com o leitor, encontrou nas mídias sociais um palco inesperado para sua produção e circulação. Esse ambiente digital, por sua vez, tornou-se um catalisador para a constante reformulação artística, seja pela influência de grandes marcos históricos ou pelo surgimento e exploração de novos suportes. A compreensão dessa dinâmica exige uma reto-

mada do pensamento de Walter Benjamin sobre a reprodutibilidade da obra de arte. Benjamin (2018) nos lembra que a capacidade de reproduzir obras de arte não é algo novo; a cópia e a imitação existiram desde sempre, seja para fins de aprendizado, divulgação ou até mesmo lucro. No entanto, o que se apresenta como uma novidade transformadora é a reprodução da arte por meios técnicos. Benjamin observa que essa forma de reprodução, embora tenha surgido de maneira intermitente ao longo da história, tem se imposto com uma intensidade crescente, marcando uma distinção fundamental em relação às formas tradicionais de cópia.

A visão de Benjamin é crucial para entendermos que a tecnologia e a literatura não são estranhas uma à outra; sua relação é tão antiga quanto a própria escrita. Desde a invenção da escrita, que permitiu o registro e a transmutação dos contos orais em textos, passando pela criação da prensa de Gutenberg no século XV, que democratizou a disseminação literária em suporte físico e revolucionou a comunicação e a cultura, até a invenção do rádio, que popularizou histórias através da palavra falada, e a chegada da televisão, que deu vida às narrativas através de som e imagens em movimento – todas essas inovações tecnológicas foram, em seu tempo, agentes transformadores do universo literário. Elas expandiram as fronteiras da acessibilidade e da forma, preparando o terreno para o que testemunhamos hoje.

Neste capítulo, não apenas propomos, mas somos encorajados por Benjamin a pensar a literatura não fora das relações de produção de nossa época, mas sim imersa nelas, particularmente no vórtice das mídias sociais. Henry Jenkins, ao cunhar o termo “narrativa transmídia”, descreve como os elementos ficcionais podem ser dispersos em variados suportes, como *spin-offs*, onde cada novo meio – seja a televisão, o cinema, os *videogames*, ou as plataformas digitais – contribui com elementos próprios para o desenrolar da história, criando uma experiência imersiva e expan-

siva. Da mesma forma, Linda Hutcheon (2013) enfatiza o papel da adaptação literária como uma forma de enriquecer o contato com o público e construir novos significados. É fundamental destacar que esse processo não se trata de meras cópias ou de uma reprodução fiel e total da obra original. Pelo contrário, é um processo profundamente transformador, no qual a obra é interpretada e ressignificada em outro meio e contexto, gerando novas perspectivas literárias e expandindo o universo narrativo para além de suas fronteiras iniciais. A adaptação, nesse sentido, é um ato criativo que dialoga com o original, mas que, ao mesmo tempo, se estabelece como uma entidade artística própria, pronta para ser consumida por novas audiências e em novos formatos.

A ascensão do digital impulsionou uma nova era para a indústria do entretenimento, e a literatura é protagonista nesse cenário. Milton e Cobelo (2023) observam que plataformas digitais como Wattpad e WebNovel se consolidaram como verdadeiros “*playgrounds* literários” para novos escritores, servindo de celeiro para histórias que frequentemente são adaptadas para filmes, séries e jogos. O sucesso global do filme *Minha culpa* (2023), da Amazon Prime, baseado no romance de Mercedes Ron, que começou no Wattpad, é um exemplo notório, superando o lançamento internacional original mais assistido da plataforma. Esse fenômeno demonstra a capacidade dessas plataformas de incubar narrativas que, por ressoarem com um vasto público jovem, são rapidamente alçadas ao mainstream.

As “Wattpad novels”, predominantemente romances e fanfics escritas por um público majoritariamente feminino, caracterizam-se por premissas narrativas que, embora por vezes consideradas clichês ou melodramáticas, tocam profundamente seus leitores. Histórias com romances intensos, protagonizados por figuras masculinas complexas ou “problemáticas”, e dramas repletos de triângulos amorosos, traumas e segredos obscuros, demonstram

um apelo de massa. A série *After*, que adaptou a história de Tessa e Hardin em cinco filmes lançados em um curto espaço de tempo (2019-2023), é um testemunho do sucesso dessas narrativas, que, apesar das críticas sobre o exagero e a falta de credibilidade, atraem milhões de espectadores e leitores.

O fenômeno não se restringe a clichês. Uma pesquisa divulgada pelo Wattpad em 2024 revelou que as gerações mais jovens buscam a ficção online pela diversidade de conteúdo e pela representação de histórias LGBTQIAPN+ e de outras minorias, temas muitas vezes difíceis de encontrar em espaços literários convencionais. Esse movimento sublinha que a tecnologia está transformando não apenas a forma, mas também o conteúdo da literatura, oferecendo um vasto leque de ferramentas de criação – textual, visual ou sinestésica – e fomentando comunidades vibrantes. Com 90 milhões de usuários globais, o Wattpad, por exemplo, tornou-se uma comunidade virtual que oferece interação em tempo real entre escritores e leitores, um atrativo poderoso para a democratização da escrita e da leitura.

As redes sociais, portanto, impactam diretamente o consumo literário ao estabelecer canais de acesso direto entre o público e os autores, além de facilitar a descoberta de novos títulos (Milton; Cobelo, 2023). Redes como o Instagram impulsionaram novos gêneros, como as “instapoesias”, que utilizam o formato e as ferramentas da plataforma para criar poemas curtos, em que as imagens complementam e enriquecem o texto. Influenciadores como os “booktubers” e os “booktokers” amplificam a disseminação desses conteúdos, trazendo-os para seus vídeos e discussões literárias, fomentando comunidades e engajamento. A “digitalização literária”, além de tornar essas discussões mais acessíveis, permite que os leitores comentem, compartilhem e interajam diretamente com os autores, criando um diálogo contínuo.

O Instagram, nesse contexto, atua como um agente de socialização da arte, permitindo que ela seja consumida, difundida e ressignificada ao ser deslocada de espaços tradicionais como museus para o ambiente digital (Carvalho; Bairon, 2020). Seu caráter interativo, similar ao de plataformas como Facebook e Twitter, revolucionou o engajamento literário, desafiando noções tradicionais de autoria, personagem e enredo, enquanto possibilita a ascensão de novos mercados e movimentos literários, como observa Thomas (2020). A experimentação digital tem gerado textos inovadores, como microficcões e narrativas multimodais, exemplificadas pela capacidade de plataformas como o Tumblr de permitir aos usuários comissionar conteúdos personalizados. Apesar das críticas sobre a possível desvalorização da arte ou a falta de “mérito literário” no digital, as redes sociais tornam visíveis os processos e as relações que moldam a literatura contemporânea, abrindo portas para uma diversidade de vozes e formas.

Com o *boom* da internet e, mais recentemente, o surgimento de redes sociais como o Instagram, a literatura ganhou uma nova corporificação que transcende o domínio da tinta e do papel, inserindo-se na malha do ciberespaço. Abidin, Highfield e Leaver (2020, p. 1) apontam que o mundo material busca se readaptar ao Instagram, redesenhando práticas, instituições culturais e espaços físicos para se encaixarem em sua lógica. Nesse viés, a literatura se rende a esse espaço compartilhado, onde o texto se transforma em legenda, e a narrativa em um fragmento visualmente estimulante. Se para Antonio Candido (2011, p. 180) a literatura, como um direito básico, cumpre um papel civilizador e social na formação do indivíduo, sendo a “palavra organizada” o que nos toca por seguir uma ordem determinada, no contexto digital essa “palavra organizada” é transmutada, seguindo a ordem dos algoritmos e das visualizações. O processo literário, antes concebido pelos

clássicos, agora se manifesta de maneira que “cai da folha”, transpassa a margem do papel e viraliza em uma tela de 5,5 polegadas por apenas 90 segundos.

Contrariamente à ideia de que esse movimento de curtidas e compartilhamentos desqualificaria a literatura, a dinâmica da comunicação nas redes sociais não está tão distante da literatura como um processo comunicativo entre as artes. No caso do Instagram, à medida que a plataforma crescia e o número de compartilhamentos de fotos e vídeos aumentava exponencialmente, os usuários começaram a ter dificuldades em encontrar conteúdos de seu interesse. Isso levou a plataforma a abandonar a ordem cronológica do *feed* em favor de um sistema algorítmico que exhibe o conteúdo não pela ordem de publicação, mas pela preferência e interesse do usuário. A linha do tempo algorítmica de cada usuário é baseada em três categorias principais: Interesse (o Instagram entende que o usuário deseja ver publicações semelhantes às que já visualizou), Tendência (a novidade da publicação) e Relacionamento (o nível de proximidade do usuário com quem publica, medido por comentários, curtidas e marcações conjuntas). Ou seja, quanto mais usuários buscam, curtem, compartilham e comentam conteúdos e resenhas sobre livros, mais os algoritmos direcionam esse tipo de temática para eles, criando um ciclo de engajamento e descoberta. Além disso, as *hashtags* funcionam como mecanismos de busca e segmentação de assuntos, amplificando a visibilidade. A forma original de contar histórias, primeiro com os *stories* (que desapareciam após 24 horas) e depois com os *reels* (com duração estendida e foco no tempo indefinido), reforçou o forte aspecto visual do Instagram e a “magia” de seus milhares de filtros, condensando narrativas em segundos. Os *reels*, desde o início, foram pensados para competir com o TikTok, visando a um público jovem adulto (milênios) e oferecendo conteúdo tanto de entretenimento quanto educacional.

A marca de 413 mil visualizações no vídeo “Clássicos da literatura resumidos para caberem no *reels*: Orgulho e Preconceito” é um claro indicativo do crescente e significativo hábito do consumo literário “instagramável” no Brasil. Tantas visualizações ativam o algoritmo, impulsionando o vídeo para mais *feeds*, não apenas dos seguidores, mas também de páginas relacionadas. No futuro, é plausível vislumbrar minisséries de contos em capítulos de *reels*, talvez para públicos de membros ou patrocinadores, replicando o modelo de obras clássicas que, de *Ligações perigosas* (1782) a *O nevoeiro* (1980), foram adaptadas para o cinema e, mais tarde, para séries em plataformas de *streaming* como Amazon Prime e Netflix.

A relação da literatura com a tecnologia é mais intrínseca do que o senso comum sugere. A tecnologia não se resume a celulares e redes sociais; refere-se a qualquer ferramenta ou sistema que satisfaça uma necessidade humana, exigindo esforço físico ou intelectual. Assim, a popularização de termos como “literar-se”, “book.ster”, “livroarbitrio” e “lendo arte” sinaliza a migração da literatura da esfera puramente artística para a do entretenimento, e, por fim, para a de uma tendência cultural. Uma reportagem de 2023 do jornal francês *Le Monde* descreveu a atmosfera da plataforma como “atenciosa e solidária”, impulsionada pela troca intelectual e pela criatividade entre jovens seguidores, evidenciada pela hashtag #bookstagram, que contabilizou mais de 91 milhões de postagens no Instagram no mesmo ano.

A acessibilidade da plataforma, tanto geográfica quanto socialmente, está redefinindo o “tempo de qualidade” no lazer. O que antes era talvez passar horas debruçado sobre um livro hoje pode ser rolar a *timeline* em um *smartphone*. Contudo, é crucial destacar que esse novo hábito não garante, por si só, aprendizado. O Instagram, como todas as redes sociais, altera nossos hábitos e comportamento, liberando doses de dopamina – o neurotrans-

missor associado ao prazer e bem-estar. O uso excessivo pode levar a agitação, perda de foco e procrastinação, como aponta a revista *Forbes*: quanto mais aleatória a recompensa (como *likes* e novidades no *feed*), maiores os níveis de dopamina, condicionando o cérebro a buscar tarefas rápidas e “recompensadoras” em detrimento de projetos complexos ou da leitura de um livro.

Apesar desses desafios, é possível capitalizar essa constante movimentação nas redes para provocar engajamento com o cânone literário. A Biblioteca Pública de Nova York (NYPL) é um exemplo inspirador, utilizando a tecnologia para disponibilizar grandes clássicos, com textos completos, em seus *stories*. No perfil @nypl, os usuários podem acessar as “Insta Novels”, com títulos como *Alice no País das Maravilhas* e *A metamorfose* disponíveis nos menus de destaque, provando que a informação de qualidade pode caminhar lado a lado com o entretenimento. Dado que não podemos fugir do impacto das redes sociais em nosso cotidiano, e que, como qualquer interação humana, elas apresentam benefícios e malefícios, torna-se essencial dosar o uso e buscar um equilíbrio entre saúde mental e conectividade. O futuro da literatura no ambiente digital reside, portanto, não na negação das novas plataformas, mas na capacidade de adaptá-las para enriquecer e expandir a experiência literária, mantendo a essência do diálogo entre autor, obra e leitor.

Adaptar: a pluralização como forma de expansão literária

A obra *Uma teoria da adaptação*, de Linda Hutcheon, oferece uma perspectiva multifacetada sobre o fenômeno da adaptação literária, destacando a complexidade inerente ao processo de transcodificação de signos. Hutcheon (2013) propõe que a adaptação

não é meramente a tradução de um texto de uma forma para outra, mas sim uma conversão que envolve uma série de transformações culturais, linguísticas e semióticas. Ao analisar adaptações, a autora enfatiza a importância de compreender as nuances e as sutilezas que emergem quando um texto impresso é transposto para outras formas de representação, sejam elas escritas, orais ou imagéticas. Essa abordagem teórico-analítica permite que se explorem as questões conceituais envolvidas nas adaptações, sem cair na armadilha de rotular ou simplificar o processo.

A adaptação literária, segundo Hutcheon (2013), é um processo de passagem “transcultural”, no qual o texto original adquire novos significados ao ser reinterpretado em diferentes mídias e idiomas. Essa transcodificação não apenas altera a forma do texto, mas também seu conteúdo e impacto cultural, permitindo que ele ressoe de maneiras distintas com públicos diversos. Por exemplo, uma obra literária adaptada para o cinema pode enfatizar aspectos visuais e emocionais que não são tão evidentes no texto escrito, enquanto uma adaptação para quadrinhos pode explorar a narrativa de forma mais fragmentada e visualmente dinâmica. Cada mídia traz consigo suas próprias convenções e expectativas, o que contribui para a complexidade e riqueza do processo adaptativo.

Além disso, as adaptações literárias têm o potencial de alcançar e envolver públicos de diferentes idades e experiências de vida, ampliando o alcance e a relevância do texto original. Ao serem transpostas para mídias populares como o cinema ou as redes sociais, as obras literárias podem se tornar mais acessíveis e atraentes para audiências que talvez não tivessem interesse ou acesso ao texto impresso. Essa democratização do acesso à literatura é um dos aspectos mais significativos das adaptações, pois permite que histórias e ideias circulem em contextos culturais variados, promovendo o diálogo intercultural e a troca de perspectivas.

Transformações complexas e repletas de sutilezas caracterizam o processo de adaptação literária, exigindo uma análise cuidadosa e sensível. Hutcheon (2013) observa que cada adaptação se destaca por sua singularidade, refletindo não apenas as escolhas criativas dos adaptadores, mas também as condições culturais e históricas em que é produzida. Ao estudar essas transposições, é essencial reconhecer a multiplicidade de fatores que influenciam o processo, desde as intenções dos criadores até as expectativas do público e as limitações das mídias escolhidas. Essa análise nos permite compreender a literatura inserida em um vasto campo discursivo, onde a arte é constituída por uma pluralidade de outras linguagens e mídias, um conceito que dialoga diretamente com a noção de campo de Pierre Bourdieu.

A noção de campo, desenvolvida por Bourdieu (1996), oferece direcionamentos para compreender as dinâmicas sociais e culturais que permeiam diferentes esferas da vida social, incluindo o campo literário. O autor concebe o campo como um espaço de relações, onde diferentes agentes e instituições interagem, competem e colaboram, cada um buscando maximizar seu capital específico, seja ele cultural, econômico ou social. Essa abordagem relacional complementa a visão de Hutcheon (2013) ao permitir uma análise profunda das forças de dominação e das lutas simbólicas que ocorrem dentro de cada campo, revelando como as hierarquias e as estruturas de poder são mantidas ou desafiadas. No contexto do campo literário, essa perspectiva é particularmente útil para entender como as adaptações literárias, especialmente em formatos contemporâneos como os *reels* do Instagram, influenciam e são influenciadas por outros campos, como o artístico e o mediático, criando um diálogo contínuo entre diferentes formas de expressão cultural.

A adaptação literária, ao transitar entre diferentes mídias e linguagens, atua como um ponto de interseção entre o campo li-

terário e outros campos culturais. Quando uma obra literária é adaptada para um *reel* no Instagram, por exemplo, ela não apenas muda de formato, mas também de contexto, passando a operar dentro do campo mediático das redes sociais. Esse movimento implica uma reconfiguração das relações de força e das dinâmicas de poder, pois a obra agora deve competir por atenção em um ambiente saturado de informações visuais e efêmeras. Além disso, a adaptação para uma plataforma como o Instagram exige a tradução dos elementos narrativos e estéticos da obra original para um formato que privilegia a concisão e o impacto visual, o que pode alterar significativamente a percepção e o valor simbólico da obra dentro do campo literário.

No campo artístico, as adaptações literárias em *reels* do Instagram também desafiam as noções tradicionais de autoria e originalidade. A natureza colaborativa e frequentemente anônima das produções nas redes sociais pode diluir a distinção entre o autor original e o adaptador, criando formas de produção e consumo cultural. Essa dinâmica reflete as relações de solidariedade e concorrência que Bourdieu (1996) identifica como características dos campos sociais, onde os agentes buscam afirmar sua posição e legitimidade. Ao mesmo tempo, a adaptação em plataformas digitais pode democratizar o acesso à literatura, permitindo que obras literárias alcancem públicos mais amplos e diversos, o que pode, por sua vez, influenciar as hierarquias estabelecidas dentro do campo literário.

A interação entre o campo literário e o campo mediático das redes sociais também levanta questões sobre a transformação do capital cultural em capital social e econômico. A visibilidade e o engajamento que uma obra adaptada pode alcançar no Instagram podem ser traduzidos em formas tangíveis de capital, como parcerias comerciais ou aumento de vendas de livros. No entanto, essa transição não é isenta de tensões, pois a lógica do mercado e da

popularidade nas redes sociais pode entrar em conflito com os valores estéticos e intelectuais que tradicionalmente definem o campo literário. Assim, a adaptação literária em ambientes digitais se torna um espaço de negociação e redefinição dos critérios de valor e prestígio cultural.

Nesse sentido, a noção de campo de Bourdieu (1996) nos permite compreender a adaptação literária como um processo que envolve a interação de múltiplos agentes e interesses. Ao analisar esse tipo de adaptação em *reels* do Instagram, podemos observar como as fronteiras entre os campos literário, artístico e mediático são constantemente negociadas e redefinidas. Essa perspectiva nos convida a refletir sobre o papel das adaptações na construção de novos significados e na circulação de ideias, destacando sua capacidade de enriquecer e diversificar o campo cultural contemporâneo.

Hutcheon (2013) observa que a prática da adaptação de obras literárias e artísticas não é um fenômeno recente. Durante a era vitoriana, era comum que histórias de poemas, romances, peças de teatro, óperas, quadros, músicas, danças e *tableaux vivants* fossem constantemente adaptadas de uma mídia para outra. Esse hábito de transpor narrativas entre diferentes formas de expressão artística reflete uma flexibilidade cultural que continua a ser uma característica marcante da sociedade contemporânea. Os vitorianos, ao adaptarem suas obras, buscavam não apenas alcançar novos públicos, mas também explorar as possibilidades expressivas de cada mídia, enriquecendo a experiência estética e narrativa.

Na era pós-moderna, herdamos essa tradição de adaptação, mas, segundo Hutcheon (2013), com um leque ainda mais amplo de possibilidades tecnológicas. Além das mídias tradicionais como cinema, televisão e rádio, temos à disposição novas plataformas digitais e interativas, como parques temáticos, representações históricas e experimentos de realidade virtual. Essas novas formas

de mídia não apenas ampliam o alcance das adaptações, mas também transformam a maneira como interagimos com as narrativas, permitindo experiências mais imersivas e personalizadas. A adaptação, nesse sentido, não é um processo estático, mas dinâmico e em constante evolução, refletindo as mudanças tecnológicas e culturais da sociedade.

Hutcheon (2013), em sua análise, destaca que os estudos da adaptação não são um campo fechado ou acabado. Pelo contrário, a adaptação é um processo contínuo que se reinventa à medida que novas tecnologias emergem. As redes sociais, como TikTok e Instagram, exemplificam essa evolução frenética das mídias. Nessas plataformas, a adaptação assume novas formas, como os *reels* e vídeos curtos, que condensam narrativas literárias em formatos visuais e auditivos rápidos e acessíveis. Essa transformação não apenas democratiza o acesso às histórias, mas também desafia os criadores a serem criativos na maneira como reinterpretam e apresentam conteúdos literários.

A adaptação, para Hutcheon (2013), é uma forma de tradução que envolve um processo criativo que reflete as escolhas do adaptador, destacando a intervenção humana como um elemento central. Assim como na tradução, a adaptação é análoga à obra original, mas não se limita a uma mera reprodução. Ela exige uma interpretação que ressoe com o projeto criativo do adaptador, que seleciona e transforma elementos da obra original de acordo com suas próprias sensibilidades e intenções artísticas. Esse processo de escolha é guiado por um domínio moral, estético e discursivo, conforme descrito por Plaza (2003), que não implica apenas uma transposição de conteúdo, mas uma recriação que busca sintonizar-se com a sensibilidade do adaptador e do público.

A tradução como arte, conforme Plaza (2003), envolve a seleção de elementos que nos interessam e que despertam uma afini-

dade eletiva, uma conexão íntima e pessoal com a obra original. Essa afinidade não é arbitrária, mas sim uma eleição da sensibilidade que reflete a totalidade do signo por meio de instantes imperceptíveis. Em outras palavras, não se adapta qualquer coisa, mas aquilo que ressoa profundamente com o adaptador, permitindo uma recriação que é ao mesmo tempo fiel e inovadora. A adaptação, assim, torna-se uma forma de arte que, embora derivativa, mantém sua originalidade através das intervenções criativas e inéditas que introduz.

A discussão sobre a adaptação de textos literários frequentemente esbarra na questão da fidelidade à obra original. No entanto, essa noção de fidelidade é complexa e, muitas vezes, ilusória. Eagleton (2006), em suas reflexões sobre a literatura, argumenta que a intenção do autor e a pureza literária são conceitos incertos e instáveis. Ele sugere que os significados de um texto não são fixos ou claros, mesmo quando expressos pelo próprio autor. Isso ocorre porque os significados são produtos da linguagem, que é inerentemente escorregadia e sujeita a múltiplas interpretações. Assim, a adaptação literária não deve ser vista como uma tentativa de replicar fielmente a obra original, mas como uma oportunidade de explorar novas interpretações e significados.

Eagleton (2006) destaca que a intenção do autor é, por si só, um “texto” complexo, passível de debate, tradução e interpretação. Essa complexidade reflete a natureza dinâmica da linguagem e da comunicação, onde o significado não é algo fixo, mas sim um processo em constante evolução. Ao adaptar uma obra literária, o adaptador se engaja em um diálogo com o texto original, trazendo suas próprias perspectivas e sensibilidades para a interpretação. Esse processo criativo permite que a obra seja reimaginada e recontextualizada, oferecendo novas camadas de significado e relevância para diferentes públicos e épocas.

Ao invés de nos fixarmos à ideia de fidelidade, a adaptação deve ser vista como uma forma de arte que celebra a multiplicidade de significados e interpretações possíveis. Hutcheon (2013) reconhece que a literatura é um campo aberto, onde cada leitura e adaptação contribui para a riqueza e diversidade do discurso literário. Ao abraçar essa abordagem, os adaptadores podem criar obras que não apenas homenageiam o texto original, mas também expandem seus horizontes, permitindo que ele continue a ressoar e inspirar em novos contextos culturais e históricos.

Hutcheon (2013) problematiza a noção tradicional de fidelidade ao texto original, argumentando que essa ideia frequentemente guia métodos de estudo comparativos. Para a autora, teorizar a adaptação requer uma “desierarquização” da literatura, removendo-a de sua posição de pureza e intocabilidade. A autora define a adaptação como um processo multifacetado que envolve a transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis, um ato criativo e interpretativo de apropriação e recuperação, e um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada. Essa definição sublinha a complexidade e a riqueza do processo de adaptação, que vai além da simples replicação do texto original, permitindo uma reinterpretação que é ao mesmo tempo fiel e inovadora.

A adaptação, portanto, é um fenômeno interdependente e independente. Ela mantém uma relação com o texto-fonte, reconhecendo suas ramificações e influências, mas também se afirma como uma manifestação criativa e intelectual coletiva. Ao adaptar uma obra, o criador pode optar por manter ou não o gênero original, dependendo de como deseja preservar ou transformar a memória da obra. Essa flexibilidade permite que a adaptação não apenas homenageie o texto original, mas também o expanda, oferecendo novas perspectivas e interpretações. Em última análise, a adaptação é um diálogo contínuo entre o passado e o presente, entre o original e o novo, que enriquece o discurso literário e cultural.

Hutcheon (2013) identifica três modos de engajamento que transitam entre si, oferecendo uma estrutura para entender como as adaptações funcionam em diferentes contextos midiáticos. Esses modos são: “contar para mostrar”, “mostrar para mostrar” e “interagir – contar/mostrar”. Cada um desses modos representa uma forma distinta de transpor e reinterpretar obras, e pode ser correlacionado com os conceitos de *performance* de Butler (2017) e as cenas da enunciação de Maingueneau (2015).

O modo “contar para mostrar” envolve a transposição de uma narrativa performática em um meio impresso para outro meio. Aqui, a *performance*, conforme descrita por Butler (2017), pode ser vista como um ato de encenação que não apenas representa, mas também constrói significados e identidades. A adaptação, nesse caso, não é apenas uma tradução visual do texto, mas um ato performativo que reconfigura a narrativa por meio de gestos, expressões e interações que dão vida ao texto. Se considerarmos a categoria de cenografia, proposta por Maingueneau (2015) como uma noção que transcende a análise inerente ao cenário físico onde uma comunicação ocorre, mas também ao conjunto de elementos simbólicos e discursivos que configuram o ambiente de enunciação, compreenderemos que cada adaptação não ocorre em um vácuo, mas está imersa em um ambiente que carrega suas próprias conotações culturais, históricas e sociais. Por exemplo, ao adaptar uma obra literária para o teatro, o espaço cênico, a iluminação, o figurino e até mesmo a disposição do público na plateia contribuem para a construção de significados. Esses elementos cenográficos não são meros acessórios, mas parte integrante da narrativa que interage com o texto original para criar uma nova experiência interpretativa. Ainda, a cenografia também abrange o contexto discursivo, que inclui as expectativas do público, as convenções de gênero e as normas culturais que moldam a recepção da obra. Em uma adaptação cinematográfica, por exemplo, a es-

colha de locações, a trilha sonora e os efeitos visuais são aspectos cenográficos que dialogam com o público, influenciando suas percepções e emoções. Esses elementos ajudam a situar a narrativa em um contexto específico, permitindo que o público se conecte de maneira mais profunda e pessoal com a obra.

O segundo modo, “mostrar para mostrar”, refere-se à transposição de uma obra para mídias com *performances* semelhantes entre si. Nesse caso, a adaptação envolve a transferência de elementos performativos de uma forma para outra, como de um teatro para um filme. Aqui, a *performance* de Butler (2017) pode ser entendida como a continuidade de atos que constroem significados através de diferentes mídias, enquanto as cenas da enunciação de Maingueneau (2015) oferecem uma estrutura para entender como o contexto e o espaço de cada mídia influenciam a recepção e a interpretação da obra. A adaptação “mostrar para mostrar” destaca a capacidade das mídias performativas de dialogar entre si, criando camadas de significado por meio da interação entre diferentes formas de expressão artística.

Finalmente, o modo “interagir – contar/mostrar” envolve a transposição de uma narrativa de um meio em que o coenunciador é um leitor para um modo participativo, onde o coenunciador é colaborador e ativo na dinâmica de *performance* do texto, como em jogos interativos ou experiências de realidade virtual. Aqui, a *performance* se torna um ato de cocriação, onde o público participa ativamente na construção da narrativa. O conceito de *performance* de Butler (2017) como um ato repetitivo que constrói a identidade pode ser observado na maneira como os participantes se envolvem e influenciam a narrativa, enquanto as cenas de enunciação de Maingueneau (2015) enfatizam a importância do contexto interativo na formação da experiência. Esse modo de adaptação destaca o potencial para novas formas de narrativa que borram as linhas entre criador e audiência, oferecendo uma expe-

riência participativa que redefine a relação entre texto, *performance* e interpretação.

Análise

Selecionamos como amostra para procedermos à análise em nossa pesquisa o *reels* extraído do canal Aff The Hype que realiza uma adaptação da obra *A metamorfose*, de Franz Kafka, em um vídeo com duração aproximada de dois minutos. Transcrevemos, a seguir, toda a narrativa que constitui nossa amostra:

Clássicos da literatura resumidos para caber no reels.

A metamorfose

Quando certa manhã, Adênia Samsa acordou de sonhos intranquilos encontrou-se metamorfoseada numa terrível twitteira.

Adênia digita em seu notebook:

“O bumba meu boi é supervalorizado, mas vocês não estão preparados para esta conversa.

Tudo o que eu sei sobre pimenta do reino, eu sei contra a minha vontade.

Claro que a biscoiteira ia postar essa foto, né?! kkk. A ridícula me bloqueou também. Aluguei um triplex na cabeça dela.

Como chama isso na sua cidade? Na minha é tijolo.

Padrão? Só se for da ABNT.

Com autotune até meu cachorro consegue.

Serviu horrores mais uma vez.

Essa flopada só sabe fazer feat?

Muito fácil tomar bacio de latte às custas dos meus antepassados

Todo dia uma monogâmica passando vergonha nesse site.

Nunca vi uma decoração tão horrível.

Você mora onde? Em uma novela da record?

Silêncio, que chegou a doula para encher o saco.

Em plano século XXI, como pode esse programa ainda estar no ar?"

Adênia, saia desse quarto!

Eu não consigo! Me deixa em paz!

Minha mãe é narcisista? Segue o fio.

Estourou a bolha e eu silencieei mesmo. Porque eu não aguento mais o povo do site.

Aí quando chega setembro amarelo vocês...

Ih, caiu a internet.

A amostra selecionada realiza uma adaptação do conto *A metamorfose*, de Franz Kafka, apropriando-se especificamente dos primeiros enunciados da obra: *Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregor Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto.*

Em *A metamorfose*, de Franz Kafka, a figura do monstro, manifestada na transformação de Gregor Samsa em um inseto gigante, funciona como uma metáfora poderosa para aquilo que é insuportável e intolerável em uma comunidade. Gil (2000), em sua obra "Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro", nos oferece um ponto de partida para a análise que apresentaremos, ao afirmar que o monstro representa o contraste ao estável e normativo. Nesse sentido, Gregor Samsa personifica a diferença extrema, a alteridade que desafia as normas estéticas e éticas da sociedade pequeno-burguesa em que está inserido. A monstruosidade de Gregor não reside apenas em sua aparência física, mas no que essa aparência simboliza para aqueles ao seu redor. Ele deixa de ser o provedor da família, rompendo com as expectativas so-

ciais e familiares estabelecidas. Essa ruptura com as normas vigentes transforma Gregor em um “outro”, uma entidade que não se enquadra mais nas convenções familiares e sociais. A sua metamorfose expõe as fissuras nas relações humanas e a fragilidade dos laços sociais sustentados por expectativas e convenções.

Para Gil (2000), o monstro é a forma extrema de alteridade, algo que se destaca e se distancia do seio da civilização. Gregor, ao se tornar um ser desfigurado e malformado, destaca-se como um contraste radical ao que é considerado normal e aceitável. Sua presença monstruosa força a família e, por extensão, a sociedade a confrontar seus próprios medos e preconceitos em relação ao que é diferente e desconhecido. A transformação de Gregor revela a hipocrisia e a superficialidade das relações sociais que dependem de conformidade e utilidade. Quando Gregor não pode mais cumprir seu papel tradicional, ele é relegado à margem, tratado como uma aberração. Esse tratamento destaca que a sociedade muitas vezes exclui ou marginaliza aqueles que não se alinham com suas normas e expectativas. Dessa maneira, em *A metamorfose*, a figura monstruosa é uma crítica incisiva à rigidez e à intolerância das estruturas sociais. Gregor Samsa, como um devir-monstro, não apenas representa a alteridade, mas também nos obriga a questionar as bases sobre as quais construímos nossas comunidades e identidades. A narrativa de Kafka nos desafia a refletir sobre como lidamos com o diferente e o desconhecido, e o que a nossa reação a esses elementos revela sobre nós mesmos e sobre a sociedade em que vivemos.

Observamos que a adaptação de *A metamorfose*, de Kafka, para o universo contemporâneo das redes sociais, em *Aff The Hype*, reflete a capacidade dos clássicos literários de transcenderem suas origens culturais e históricas, adquirindo novos significados em contextos modernos. O uso da figura monstruosa, vista aqui como uma “terrível twitteira”, pode ser interpretado como uma crítica à

alienação moderna, similar à transformação de Gregor Samsa no conto original. Soares (2016) compreende que, ao se transformar em um monstro, Gregor Samsa introduz uma nova figura no bestiário da literatura fantástica ocidental: ele se torna irreconhecível para o mundo e para si mesmo, simbolizando a ruptura da identidade individual. Essa transformação abrupta e incompreensível da personagem tem o potencial de destacar a sensação de estranhamento e desconexão que muitos experimentam em relação à própria identidade e ao mundo que os cerca. Na adaptação em análise, a metamorfose de Adênia Samsa em uma persona nas redes sociais sugere uma crítica à alienação causada pela tecnologia e a cultura digital. Nessa esfera, a identidade pessoal frequentemente se perde em meio a opiniões e interações superficiais, onde as pessoas podem se sentir distantes de sua verdadeira essência. Essa transformação reflete a experiência moderna de se tornar “monstro da noite para o dia”, irreconhecível tanto para os outros quanto para si mesmo, devido à pressão por aceitação e validação social nas plataformas digitais.

Soares (2016) reflete, ainda, que a escolha de Kafka por descrever Gregor Samsa como um “insuportável inseto” em vez de detalhá-lo objetivamente ressalta a prioridade dada às consequências sociais de sua transformação. O adjetivo “insuportável” reflete a percepção dos que o rodeiam, enfatizando que a transformação de Gregor é menos sobre a mudança física em si e mais sobre o impacto social e emocional dessa mudança. Analogamente, na adaptação contemporânea, a identidade de Adênia como uma “terrível twitteira” não se concentra em sua aparência, mas nas reações e interações que sua nova persona gera em seu ambiente digital. Em ambos os casos, a transformação funciona como uma metáfora poderosa para a alienação e desconexão experienciadas pelo indivíduo moderno, seja dentro de um contexto literário ou digital. Essa narrativa nos possibilita refletir sobre as implicações

das identidades performativas no mundo online e sobre como elas podem distorcer a percepção de nós mesmos e dos outros, criando “monstros” de nossa própria criação. Essa abordagem nos desafia a considerar como as transformações pessoais, voluntárias ou não, afetam nossas relações e a percepção que temos de nós mesmos em um mundo cada vez mais interconectado e, paradoxalmente, alienante.

Podemos identificar que a figura monstruosa de Adênia é construída a partir da linguagem e das atitudes que rompem com os padrões de interação que o enunciador considera respeitosa e civilizada. Essa representação se encaixa na definição defendida por Soares (2016) de monstro como um desvio do que é socialmente aceitável e reconhecido. Cada uma das frases digitadas por Adênia exemplifica aspectos dessa monstruosidade digital. Primeiramente, com a declaração “O bumba meu boi é supervalorizado, mas vocês não estão preparados para esta conversa”, Adênia inicia uma provocação cultural, sugerindo uma opinião contrária à valorização de uma tradição cultural. Esta abordagem pode ser vista como uma tentativa de desestabilizar consensos e criar conflito, típica de um discurso que busca polarizar e desafiar sem necessariamente oferecer um argumento construtivo. Em seguida, o enunciado “Tudo o que eu sei sobre pimenta do reino, eu sei contra a minha vontade” expressa desdém e sugere uma experiência negativa ou imposta. Isso pode ser interpretado como uma rejeição à norma ou ao conhecimento comum, indicando uma atitude de resistência e contrariedade. A comunicação desvaloriza aprendizados ou experiências geralmente aceitos ou apreciados, reforçando o comportamento alienante do enunciador.

Por fim, na declaração “Claro que a biscoiteira ia postar essa foto, né?! kkk. A ridícula me bloqueou também. Aluguei um triplex na cabeça dela”, a linguagem é claramente pejorativa e crítica, dirigida a uma pessoa específica. Isso exemplifica um comporta-

mento tóxico e agressivo. O uso de termos como “biscoiteira” e “ridícula” não apenas desumaniza o alvo, mas também reforça a ideia de ocupação mental em “alugar um triplex na cabeça dela”, sugerindo que a enunciadora se vê como vitoriosa ou dominante na interação. Compreendemos que o papel do enunciador nessas sentenças é o de um provocador, que utiliza a plataforma digital para expressar um comportamento reativo e violento. A figura monstruosa emerge por meio do uso da linguagem como ferramenta de confronto e alienação, refletindo a desconexão e a ruptura social que os comportamentos de *haters* podem causar nas interações online. Essa representação traz à tona o poder destrutivo das palavras e a capacidade de desestabilizar comunidades e indivíduos, similar à metamorfose de Gregor Samsa em um ser socialmente inaceitável.

De acordo com Hutcheon (2013), adaptação é uma forma de tradução cultural. Nesse caso, a história de Kafka é reinterpretada dentro do contexto das redes sociais, uma plataforma acessível e familiar para muitos hoje. Essa transposição não só atualiza a narrativa original, mas também amplia seu impacto e relevância cultural, permitindo uma reflexão sobre como a identidade e as relações sociais são moldadas na era digital. A adaptação de obras literárias para formatos como vídeos curtos nas redes sociais tem o potencial de democratizar o acesso à literatura. Obras clássicas, que poderiam ser vistas como inacessíveis ou antiquadas por alguns públicos, podem se tornar mais atraentes e compreensíveis quando ligadas a contextos e linguagens contemporâneos. Essa democratização promove diálogos interculturais, permitindo que as ideias circulem mais amplamente. Esse é o caso da adaptação feita pelo canal Aff The Hype, já que se destaca por sua criatividade e humor, refletindo tanto as condições culturais atuais quanto as escolhas criativas do adaptador. Ao trazer referências contemporâneas e um tom humorístico, a adaptação não apenas preserva

o espírito crítico de Kafka, mas também ressoa com as expectativas de um público acostumado ao dinamismo e à irreverência das redes sociais.

No campo literário, obras clássicas como as de Kafka têm um capital cultural estabelecido, mas, ao serem adaptadas para formatos contemporâneos como os *reels* do Instagram, elas entram em um novo campo, o mediático, onde as regras e dinâmicas de poder são diferentes. A adaptação de *A metamorfose* para um *reel* no Instagram representa uma transição do campo literário para o mediático. No campo literário, a obra de Kafka é valorizada por seu conteúdo complexo e sua capacidade de provocar reflexão. No entanto, ao ser adaptada para um *reel*, a obra deve competir por atenção em um ambiente visualmente saturado e de consumo rápido. Nesse contexto, o capital cultural da obra é reconfigurado para se alinhar às expectativas e normas das redes sociais, em que o sucesso é medido em curtidas, compartilhamentos e visualizações. Isso significa que, ao entrar no campo mediático, a obra enfrenta novas dinâmicas de poder e competição. A atenção dos consumidores de conteúdo é o principal recurso escasso, e as adaptações devem se destacar em meio a uma avalanche de outras imagens e narrativas. Isso implica a necessidade de reconfigurar as narrativas, utilizando humor, referências contemporâneas e elementos visuais atraentes para captar e manter o interesse do público. Assim, a adaptação não apenas altera a forma da obra, mas também seu impacto cultural, pois deve ressoar de maneira distinta com um público que consome informações de maneira rápida e efêmera.

Adaptações como a de *Aff The Hype* atuam como pontos de interseção entre diferentes campos culturais, estabelecendo diálogos entre o literário, o artístico e o mediático. Elas desafiam as hierarquias tradicionais ao democratizar o acesso a narrativas clássicas, tornando-as acessíveis a públicos mais amplos e diversos.

Essa interação entre campos promove novas formas de expressão cultural, permitindo que as obras clássicas sejam reinterpretadas e ganhem novos significados em contextos modernos. A adaptação também expõe as forças de dominação e as lutas simbólicas presentes no campo mediático. As normas e expectativas das redes sociais, que favorecem conteúdos breves e impactantes, podem dominar as narrativas, limitando a profundidade e a complexidade que uma obra literária pode apresentar. No entanto, essas adaptações também têm o potencial de desafiar essas normas, introduzindo elementos críticos e reflexivos que podem enriquecer o diálogo cultural.

Um exemplo claro de como essa adaptação democratiza o acesso pode ser visto na declaração “Claro que a biscoiteira ia postar essa foto, né?! kkk. A ridícula me bloqueou também. Aluguei um triplex na cabeça dela”. Aqui, o uso de humor e linguagem informal típica das redes sociais torna a narrativa mais acessível e atrativa para um público que talvez não se engajassem com o texto original de Kafka em sua forma escrita tradicional. Isso amplia o alcance da obra, permitindo que pessoas de diferentes contextos culturais e sociais se conectem com a história de maneira relevante e contemporânea. Além de ampliar o acesso, a adaptação promove novas formas de expressão cultural ao interagir com o público moderno. O comentário “O bumba meu boi é supervalorizado, mas vocês não estão preparados para esta conversa” introduz uma crítica cultural que estimula a reflexão sobre tradições e valores contemporâneos. Isso exemplifica como as adaptações podem enriquecer o diálogo cultural ao trazer novas perspectivas para narrativas clássicas, incentivando um envolvimento mais profundo com o material. Dessa maneira, consideramos que a adaptação de *Aff The Hype* desafia as normas e expectativas das redes sociais, que muitas vezes favorecem conteúdos breves e impactantes. A frase “Silêncio, que chegou a doula para encher o saco” reflete a

capacidade da adaptação de criticar e subverter essas expectativas, utilizando elementos críticos e reflexivos que podem desafiar o consumo rápido e superficial de conteúdo. Assim, essas adaptações oferecem uma oportunidade para introduzir complexidade e profundidade nas interações culturais, promovendo um diálogo mais rico e significativo.

Referências

- A ESCRAVA Isaura. *O Liberal do Pará*, Annuncios, 21 jul. 1875. p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=704555&pagfis=6211>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- ABIDIN, Crystal; HIGHFIELD, Tim; LEAVER, Tama. *Instagram: visual social media cultures*. Cambridge: Polity Press, 2020.
- AFF THE HYPE. *Clássicos da literatura resumidos para caberem no reels: a metamorfose*. [Reel]. Instagram, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cv7aGnTOVS5/>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- AMAZON. Portal de Associados da Amazon.com.br. Ajuda. Disponível em: <https://associados.amazon.com.br/help/node/topic/GRXPHT8U84RAYDXZ>. Acesso em: 9 maio 2025.
- BELL, Josh. Every movie based on a Wattpad story, ranked. *Vulture*, Fanfiction, 27 dez. 2024. Disponível em: <https://www.vulture.com/article/wattpad-movies-ranked.html>. Acesso em: 1 maio 2025.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CAMPOS, Haroldo. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*: em vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. A personagem no romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção* São Paulo: Perspectiva, 2021. p. 51-80.
- CARVALHO, Caroline Oliveira de; BAIRON, Sérgio. Da tela às telas: a obra de arte na era do Instagram. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – 2020. *Anais*. Salvador: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003026431.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.
- COMPARATO, Luiz Felipe Loureiro. *Da criação ao roteiro*: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- COMPARATO, Luiz Felipe Loureiro. *Da criação ao roteiro*: teoria e prática. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- CURRAN, Beverley. Recognition, risk, and relationships: feminism and translation as modes of embodied engagement. In: VON FLOTTOW, Louise; KAMAL, Hala (ed.). *The Routledge handbook of translation, Feminism and Gender*. Routledge, 2020.
- DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes*: obra completa. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2015. v. 2: Memórias de Sherlock Holmes. p. 700-703.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- EVER After: *A Cinderella Story*. *Rotten Tomatoes*, 1998. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/ever_after_a_cinderella_story. Acesso em: 17 jul. 2024.
- FILME conforto: nostalgia, emoção e conexão. Por Telecine. *Globo Gente*, 18 dez. 2024. Disponível em: <https://gente.globo.com/texto-filme-conforto-nostalgia-emocao-e-conexao/>. Acesso em: 8 maio 2025.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Prêmio Literário BN*, Rio de Janeiro, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/atuacao/cooperacao-e-difusao/premio-literario>. Acesso em: 22 fev. 2025.

- GÊNEROS e emoções: os filmes ganham espaço ao se relacionar com os sentimentos e percepções dos brasileiros. Por Telecine. *Globo Gente*, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://gente.globo.com/estudo-telecine-generos-e-emocoes/>. Acesso em: 10 maio 2025.
- GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: DONALD, James; HUNTER, Ian; COHEN, Jeffrey Jerome; GIL, José. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 165-183.
- HART, James V. *Bram-stokers-dracula-1992*, 1992. Disponível em: <https://thescriptlab.com/wp-content/uploads/scripts/bram-stokers-dracula-1992.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Tradução Modesto Carone. 1997. Disponível em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2021/02/A-METAMORFOSE.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- KELLY, Hillary. Here's an annoying new Instagram Trend: Throwing Yourself on a Pile of Open Books. *Vulture*, 29 out. 2018. Disponível em: <https://www.vulture.com/2018/10/the-terrible-instagram-trend-of-piles-of-open-books.html>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- MACHADO, Tiago Mata. Nova adaptação do clássico de Alexandre Dumas é prejudicada por tom carregado do elenco. *Folha de S.Paulo*, 1 maio 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0105200215>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MANAVIS, Sarah. On social media, books are trendy. Is reading? *The New Statesman*, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/comment/2024/02/booktok-social-media-books-trendy-reading>. Acesso em: 6 out. 2024.

- MARAND, Brijesh. Most adapted novel to films. *IMDb*, 2021. Disponível em: <https://m.imdb.com/list/ls081501512>. Acesso em: 7 maio 2024.
- MILTON, John; COBELO, Silvia. Digital culture: the universe in a smartphone. In: MILTON, John; COBELO, Silvia. *Translation, adaptation and digital media*. New York: Routledge, 2023.
- MILTON, John; COBELO, Silvia. Transmedia: a participatory and convergent world. In: MILTON, John; COBELO, Silvia. *Translation, adaptation and digital media*. New York: Routledge, 2023.
- MULRONEY, Michele. Sherlock Holmes: a game of shadows. *Script*, 2011. Disponível em: <https://www.scripts.com/script-pdf/17996>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- NAMJOON BOOK CLUB. *Vem descobrir o que vamos ler no clube no primeiro trimestre*. [Post]. Instagram, 23 nov. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DCuuFOei0G-/?img_index=1. Acesso em: 3 mar. 2025.
- NOBRE, Dia Bárbara. Ali mora uma amiga. Entrevista: Jarid Arraes. *Deriva*, 23 maio 2022. Disponível em: <https://derivaderiva.com/dia-nobre-jarid-arraes>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- OS DEZ maiores filmes da história do cinema... que nunca foram feitos. *BBC News Brasil*, 10 out. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141010_vert_cul_filmes_nunca_feitos_dg. Acesso em: 9 maio 2024.
- PAGESY, Hélène. On Bookstagram, young women find a social media haven: “You’re valued for personality, not looks”. *Le Monde*, Paris, 26 jun. 2023. Disponível em: https://www.lemonde.fr/en/france/article/2023/06/26/young-women-find-social-media-haven-in-bookstagram-you-re-valued-for-personality-not-looks_6037853_7.html. Acesso em: 3 out. 2024.
- PAULISE, Luciana. Detox de dopamina: 3 passos para aumentar o foco e vencer a procrastinação. *Forbes*, 22 set. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/09/detox-de-dopamina-passos-para-aumentar-o-foco-e-vencer-a-procrastinacao/>. Acesso em: 2 out. 2024.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

- PEZZOTTI, Renato. Influenciadores digitais bombam em época de coronavírus. *UOL*, São Paulo, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/27/influenciadores-digitais-bombam-em-epoca-de-coronavirus.htm>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- PIAZZA, Jo. Can Instagram keep people reading books? *Forbes*. 25 maio 2017. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jopiazza/2017/05/25/instagram-bookstagrammers-selling-books/>. Acesso em: 16 fev. 2025.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- POLIANSKAYA, Alina. New York Public Library and mother turn Instagram into digital bookshelf. *Design Week*, 24 ago. 2018. Disponível em: <https://www.designweek.co.uk/issues/20-26-august-2018/new-york-public-library-and-mother-turn-instagram-into-digital-bookshelf/>. Acesso em: 10 out. 2024.
- QUEIROZ, João. *Semiose segundo C. S. Peirce*. São Paulo: Educ-Fapesp, 2004.
- REDAÇÃO. Aff The Hype é irreverência em forma de papelaria. *Revista da Papelaria*, p. 19 ago. 2022. Disponível em: <https://revista-dapapelaria.com.br/varejo/papelarias/aff-the-hype-e-bom-humor-em-forma-de-papelaria>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- RETIRANTES (Vida de Negro) – Dorival Caymmi. *Letras*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dorival-caymmi/1622447>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam coisas*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SEYMOUR, Miranda. Lessons from Jane Austen. *The New York Times*, 10 jun. 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/06/12/books/review/book-review-a-jane-austen-education-and-why-jane-austen.html>. Acesso em: 10 maio 2025.
- SHARMA, Megha. Could Insta novels be the digital innovation that finally gets you to read more? *Vogue India*, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://www.vogue.in/culture-and-living/content/instagram-novels-digital-innovation-reading-habit-books-new-york-public-library>. Acesso em: 10 out. 2024.

- SOARES, Marcelo Pacheco. O monstro embargado: metamorfose kafkiana em um conto de José Saramago. *Outra Travessia*, Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, 18 ago. 2016. DOI 10.5007/2176-8552.2016n22p139. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p139/pdf>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- STOKER, Bram. *Drácula*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- THOMAS, Bronwen. *Literature and social media*. London: Routledge, 2020.
- TV CULTURA extingue o programa “Vitrine” e demite 56 funcionários. *TV Foco*. 10 mar. 2012. Disponível em: <https://www.otv-foco.com.br/tv-cultura-extingue-o-programa-vitrine-e-demite-56-funcionarios/>. Acesso em: 22 fev. 2025.
- VALIERO, Isabela. “Entrelinhas” volta a ser apresentado na TV Cultura. *UOL*, 19 nov. 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/radio/programas/estacao-cultura/2021/11/19/664_entrelinhas-volta-a-ser-apresentado-na-tv-cultura.html. Acesso em: 22 fev. 2025.
- WATTPAD. *The future of fiction*: Wattpad research reveals generational shift in reading habits, skepticism of ai in publishing, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://company.wattpad.com/blog/the-future-of-fiction-wattpad-research-reveals-generational-shift-in-reading-habits-skepticism-of-ai-in-publishing>. Acesso em 28 abr. 2025
- YI, Corina. Opinion: it’s okay to like instapoetry. *The Student Life*, 26 out. 2023. Disponível em: <https://tsl.news/opinion-its-okay-to-like-instapoetry>. Acesso em: 1 maio 2025.